

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS ADMINISTRATIVAS  
CURSO BACHAREL EM ADMINISTRAÇÃO**

**IARA DA SILVA DINIZ**

**DESAFIOS DO AMBIENTE UNIVERSITÁRIO: A VIOLÊNCIA  
PSICOLÓGICA NAS RELAÇÕES DE ENSINO**

**MARIANA - MG**

**2024**

**IARA DA SILVA DINIZ**

**DESAFIOS DO AMBIENTE UNIVERSITÁRIO: A VIOLÊNCIA  
PSICOLÓGICA NAS RELAÇÕES DE ENSINO**

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado à Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Administração.

**Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Carolina Machado Saraiva**

**MARIANA - MG**

**2024**

## SISBIN - SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

D585d Diniz, Iara Da Silva.

Desafios do ambiente universitário [manuscrito]: a violência psicológica nas relações de ensino. / Iara Da Silva Diniz. - 2024.  
31 f.: il.: tab..

Orientadora: Profa. Dra. Carolina Machado Saraiva.

Monografia (Bacharelado). Universidade Federal de Ouro Preto.  
Instituto de Ciências Sociais Aplicadas. Graduação em Administração .

1. Estudantes. 2. Poder (Ciências sociais). 3. Psicologia. 4. Saúde mental. 5. Violência no campus (Universidade) - Legislação. 6. Universidades e faculdades. I. Saraiva, Carolina Machado. II. Universidade Federal de Ouro Preto. III. Título.

CDU 343.54

Bibliotecário(a) Responsável: Essevalter De Sousa - Bibliotecário Coordenador  
CBICSA/SISBIN/UFOP-CRB6a1407



## FOLHA DE APROVAÇÃO

**Iara da Silva Diniz**

### **Desafios do Ambiente Universitário: a violência psicológica nas relações de ensino**

Monografia apresentada ao Curso de Administração da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Administração

Aprovada em 10 de outubro de 2024.

Membros da banca

Doutora – Carolina Machado Saraiva - Orientador(a) – Universidade Federal de Ouro Preto  
Doutora - Simone Aparecida Simões Rocha – Universidade Federal de Ouro Preto  
Doutora - Deborah Kelly Nascimento Pessoa – Universidade Federal de Ouro Preto

Carolina Machado Saraiva, orientador do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 10/10/2024.



Documento assinado eletronicamente por **Carolina Machado Saraiva, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 10/10/2024, às 14:51, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [http://sei.ufop.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **0793100** e o código CRC **F4E9AD6E**.

Dedico esse trabalho aos meus pais Maria e Carlos, pelo amor e apoio. Ao meu irmão, minha maior inspiração. Aos amigos que fiz durante o curso e aos companheiros da CADE Jr, pela companhia e aprendizado compartilhado. Principalmente a Rafa, Josi e o Naydson por estarem presentes em todos os momentos da graduação e da vida.

## RESUMO

Este estudo investigou a manifestação da violência psicológica nas relações entre professores e alunos em uma Instituição de Ensino Superior (IES). A pesquisa, de natureza mista, combinou abordagens quantitativas e qualitativas para explorar as dinâmicas de poder que permeiam o ambiente acadêmico e que, por vezes, contribuem para práticas abusivas. O foco foi direcionado para a violência psicológica e o assédio moral pedagógico, elementos que, apesar de sua sutileza, exercem grande impacto sobre o bem-estar emocional e psicológico dos discentes. Utilizando a Escala de Violência Psicológica contra Estudantes Universitários (EVIPSI), foram analisadas as percepções de alunos do curso de Administração. Os resultados demonstraram que, embora não predominante, práticas que caracterizam a violência psicológica se apresentam em determinadas situações acadêmicas, gerando sintomas de estresse, ansiedade e mal-estar entre os estudantes. O estudo apresenta contribuições para uma reflexão mais profunda sobre as relações de poder no ensino superior. Conclui-se que a violência psicológica, mesmo quando velada, tem consequências significativas no ambiente acadêmico, indicando a possibilidade de rever as dinâmicas das relações entre docentes e discentes e a necessidade de criar políticas institucionais que promovam um ambiente mais acolhedor, equitativo e ético.

**Palavras-chave:** Violência Psicológica; Universidade; Discentes; Poder.

## **ABSTRACT**

This study investigated the manifestation of psychological violence in the relationships between professors and students in a Higher Education Institution (HEI). The mixed-methods research combined quantitative and qualitative approaches to explore the power dynamics that permeate the academic environment and sometimes contribute to abusive practices. The focus was on psychological violence and pedagogical moral harassment, elements that, despite their subtlety, have a significant impact on the emotional and psychological well-being of students. Using the Psychological Violence Against University Students Scale (EVIPSI), the perceptions of students from the Business Administration program were analyzed. The results showed that, although not predominant, psychological violence manifests prominently in certain academic situations, causing symptoms of stress, anxiety, and discomfort among students. The study contributes to a deeper reflection on power relations in higher education. It concludes that psychological violence, even when subtle, has significant consequences in the academic environment, highlighting the urgency of reviewing the dynamics of relationships between professors and students and the need to create institutional policies that foster a more welcoming, equitable, and ethical environment.

**Keywords:** Psychological Violence; University; Students; Power.

## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 1.</b>	Perfil dos entrevistados .....	15
<b>Tabela 2.</b>	Primeira dimensão (Ações hostis vindas do(s) professor(a/s) para com o estudante, segundo a Escala de Violência Psicológica contra Estudantes Universitários(EVIPSI), desenvolvida por Santana, Pires e Leite (2020) .....	16
<b>Tabela 3.</b>	Segunda dimensão (Estresse estudantil em relação ao(s) professor(a/s), segundo Escala de Violência Psicológica contra Estudantes Universitários (EVIPSI), desenvolvida por Santana, Pires e Leite (2020).....	17

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b>	<b>6</b>
<b>2. OBJETIVOS</b>	<b>7</b>
2.1 Objetivo Geral	7
2.2 Objetivos Específicos	7
<b>3. JUSTIFICATIVA</b>	<b>7</b>
<b>4. REFERENCIAL TEÓRICO</b>	<b>8</b>
4.1 Violência Psicológica	8
4.2 Poder	9
4.3 Violência Psicológica na Graduação	10
<b>5. METODOLOGIA</b>	<b>11</b>
5.1 Delineamento	11
5.2 Processo de Coleta de Dados	12
5.3 Processo de Análise de Dados	14
<b>6. ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS</b>	<b>14</b>
6.1 Análise quantitativa	14
6.2 Análise qualitativa	19
6.3 Discussão	21
<b>7. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>24</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	<b>26</b>

## 1. INTRODUÇÃO

A universidade constitui-se como um ambiente que facilita o desenvolvimento integral dos alunos, impactando diretamente no seu crescimento pessoal e promovendo uma expansão de habilidades e competências. Esse ambiente é um sistema complexo de interações, crucial para o desenvolvimento intelectual e pessoal dos estudantes, no qual os docentes atuam como mentores, responsáveis pela disseminação de conhecimento e pela promoção de um ambiente inclusivo e colaborativo (Bardagi, 2007).

No entanto, ao ingressar nesse espaço, os estudantes enfrentam diversas mudanças, como a adaptação ao volume intenso de informações, falta de tempo para lazer, além de desafios financeiros, familiares e expectativas profissionais. Essas transformações trazem consigo uma nova realidade que exige maior dedicação e podem se tornar uma significativa fonte de estresse (Arino; Bardagi, 2018).

Embora o ambiente universitário tenha como objetivo o desenvolvimento intelectual e pessoal dos estudantes, ele também pode apresentar condições que favorecem o surgimento de comportamentos abusivos, especialmente no que se refere às relações de poder. Segundo Nunes (2011), o ambiente da educação superior têm maior propensão a violência psicológica devido à estrutura hierárquica das instituições. A violência nesse contexto não está necessariamente associada à produtividade, mas sim às disputas de poder. Aqueles que detêm algum tipo de poder, seja formal ou informal, acabam definindo normas e comportamentos que podem ser percebidos como coercitivos ou opressivos. Essa pressão por resultados e a alta competitividade tornam-se fatores aceitos e naturalizados na cultura acadêmica, sendo repetidos por professores e, muitas vezes, internalizados pelos alunos (Nunes, 2022).

O poder exercido pelos professores pode derivar de sua autoridade formal, mas também das dinâmicas de poder informais e das relações interpessoais estabelecidas dentro da instituição. Como afirmam Rodrigues e Freitas (2014), apoiados nas ideias de Foucault (1979), o poder pode ser entendido como a capacidade de um indivíduo de controlar outro, o que se reflete nas assimetrias presentes nas relações entre docentes e discentes. Essa dinâmica pode levar ao controle de maneira impositiva, criando uma atmosfera de dominação sutil, voluntária ou até permissiva dentro do espaço acadêmico. Foucault (1999) ainda argumenta que a escola, assim como outras instituições, pode ser vista como um espaço de controle social, onde as dinâmicas de poder são, em muitos casos, reproduzidas de maneira similar às de ambientes como prisões ou sanatórios.

No ambiente acadêmico, a violência psicológica também pode assumir formas diferenciadas, especialmente no que se refere ao assédio pedagógico. Nunes e Tolfo (2015) destacam que, no contexto universitário, o assédio moral pedagógico muitas vezes ocorre de maneira coletiva, envolvendo não apenas um agressor, mas também múltiplos agressores ou um grupo de vítimas, o que amplia as implicações e os danos causados por esse tipo de comportamento abusivo.

Diante desse contexto, o presente estudo propõe uma investigação mista para entender como a violência psicológica se manifesta no ambiente acadêmico, considerando as relações de poder entre docentes e discentes.

## **2. OBJETIVOS**

### **2.1 Objetivo Geral**

Analisar como a violência psicológica se manifesta no ambiente acadêmico considerando as relações de poder estabelecidas entre docentes e discentes.

### **2.2 Objetivos Específicos**

- Analisar como as dinâmicas de poder entre professores e alunos influenciam o surgimento de práticas abusivas nas relações pedagógicas;
- Investigar a existência de práticas de violência psicológica de docentes contra discentes, entre os participantes da pesquisa;
- Apresentar os resultados obtidos através da aplicação da escala de violência EVIPSI - Escala de Violência Psicológica contra Estudantes Universitários, construída por Santana, Pires e Leite (2020).

## **3. JUSTIFICATIVA**

O espaço educacional não se limita a ser apenas um local de transmissão de conhecimentos e desenvolvimento intelectual, ele também pode se tornar um cenário propício para o abuso psicológico. De acordo com Silva e Castro (2008), embora os casos de abuso psicológico que têm origem em professores e são direcionados aos alunos sejam frequentemente subnotificados ou tratados como questões de menor relevância, eles podem se disseminar e causar prejuízos consideráveis às vítimas envolvidas.

Com base nos estudos de Santana, Pires e Leite (2020), verifica-se que o tema das

relações abusivas entre professores(as) e estudantes ainda é pouco explorado na literatura e nas pesquisas atuais. Diante disso, considerando as inúmeras consequências sofridas por aqueles que são vítimas de violência psicológica, torna-se evidente a necessidade de investigações que abordem essa questão. Especificamente no contexto educacional, se torna importante desenvolver pesquisas que busquem identificar e comprovar a ocorrência desses abusos.

Refletir sobre a violência escolar e as estratégias para enfrentá-la é de suma importância, o que justifica a realização deste estudo, tendo em vista que ao investigar esses fenômenos, pode-se constituir um caminho promissor e despertar interesse em transformar a cultura institucional bem como também em desenvolver políticas e práticas que previnam a violência, garantindo um ambiente educacional que forma não apenas profissionais competentes, mas cidadãos conscientes e éticos.

## **4. REFERENCIAL TEÓRICO**

### **4.1 Violência Psicológica**

A violência psicológica é uma forma de agressão que, embora muitas vezes invisível e sutil, provoca danos profundos e duradouros. Hirigoyen (2006) define a violência psicológica como um processo de destruição progressiva que visa desestabilizar o outro, utilizando-se de diversas táticas, como humilhação, isolamento e manipulação, que minam lentamente a confiança e o valor que a pessoa tem de si mesma. Diferentemente da violência física, a violência psicológica não deixa marcas visíveis, mas causa feridas emocionais que podem levar a sérios transtornos mentais, como depressão, ansiedade e estresse pós-traumático.

No contexto acadêmico, essa forma de violência é particularmente prevalente, manifestando-se em várias práticas que vão desde a desvalorização das opiniões e esforços dos estudantes até a imposição de normas comportamentais rígidas que desconsideram as individualidades. Como aponta Charlot (2002), a violência simbólica no ambiente educacional ocorre quando existe uma imposição de um saber ou de uma cultura dominante, fazendo com que o outro se sinta inferior ou inadequado. Essa imposição pode ser percebida nas práticas pedagógicas autoritárias que desconsideram as diferenças individuais e culturais dos alunos, resultando em um ambiente de aprendizado opressivo (Charlot, 2002).

Para Osti e Barbosa (2022), a violência psicológica no ambiente escolar, muitas vezes invisível, é exercida de forma normatizada, sem reflexões críticas por parte dos envolvidos,

refletindo uma cultura escolar impositiva que reproduz estruturas de poder sociais. Ela se manifesta nas relações entre professor e aluno por meio de palavras, classificações, gestos e posturas sutis que desvalorizam e desmerecem os estudantes, promovendo um ambiente de hostilidade e apreensão. Essa prática disciplinar, ainda que camuflada pelos objetivos da aprendizagem e disciplina, gera um clima de violência, onde os indivíduos, conscientes ou não, permanecem em alerta.

O impacto da violência psicológica no ambiente acadêmico é vasto e diversificado. Segundo Freire (1996), a educação deve ser um ato de liberdade e não de dominação. No entanto, quando o ambiente educacional é marcado por práticas abusivas, ele se torna um local de opressão que limita o desenvolvimento pleno do estudante, não apenas no campo do conhecimento, mas também em sua formação enquanto ser crítico e autônomo. Estudos demonstram que essas práticas podem levar a consequências severas, incluindo o desenvolvimento de transtornos emocionais, baixa autoestima, isolamento social, e, em casos mais graves, até mesmo a evasão escolar (Cruz; Pereira, 2013; Nearchou, 2018).

Conforme discutido por Hirigoyen (2011, 2014), o tipo de vínculo que se forma entre professores e alunos pode criar um ambiente em sala de aula que, por vezes, facilita a manifestação de comportamentos autoritários. Esses comportamentos podem prejudicar a saúde emocional e a autoestima dos alunos. Uma das explicações para tais comportamentos reside no fato de que o professor, ao ocupar uma posição de autoridade, pode acabar disfarçando suas próprias inseguranças e adotando uma postura de superioridade em relação a alunos que, por sua posição subordinada, têm poucas defesas contra tais atitudes.

## **4.2 Poder**

Para a compreensão da violência psicológica no contexto educacional, o conceito de poder também é fundamental. Michel Foucault (1979), um dos principais teóricos contemporâneos sobre o poder, argumenta que o poder não é uma entidade ou estrutura estática, mas um conjunto de práticas dinâmicas que permeiam todas as relações sociais. O poder não é simplesmente algo que uma pessoa possui, mas é exercido de maneira contínua e multifacetada nas interações entre indivíduos, especialmente em contextos institucionais como as escolas e universidades (Foucault, 1979).

No ambiente acadêmico, o poder dos docentes é frequentemente sustentado pela estrutura hierárquica da instituição e pelas normas culturais que atribuem autoridade aos professores. Rodrigues e Freitas (2014) observam que o poder dos docentes se manifesta não

apenas através de sua posição institucional, mas também por meio de práticas discursivas e pedagógicas que reforçam relações de dominação e controle sobre os estudantes. Foucault (1979) destaca que o poder se manifesta através de uma rede de relações que atravessam a sociedade e são reproduzidas nas práticas cotidianas. Dessa forma, o poder é exercido de maneira sutil e indireta, moldando comportamentos e atitudes de maneira que muitas vezes não são percebidas como formas de opressão.

Além disso, o poder no ambiente acadêmico pode ser tanto formal quanto informal. Enquanto o poder formal é aquele claramente estabelecido pelas regras e normas da instituição, o poder informal pode ser exercido através de práticas de exclusão, manipulação e intimidação, que criam um ambiente hostil para os alunos. Como explica Arendt (1970), o poder é, em sua essência, a capacidade humana não apenas de agir, mas de agir em concerto. No entanto, quando esse poder é exercido de forma coercitiva ou manipuladora, ele se transforma em uma forma de violência que pode ter graves repercussões para os envolvidos (Arendt, 1970).

As relações de poder no ambiente acadêmico são intrinsecamente ligadas à manifestação da violência psicológica. Como Foucault (1979) afirma, o poder circula e funciona em rede, nas instituições, ele se insinua nas práticas cotidianas, configurando um campo de forças que regula o comportamento dos indivíduos. No ambiente universitário, essa rede de relações de poder é reforçada pela autoridade docente e pelas normas institucionais que frequentemente legitimam práticas abusivas e excludentes.

### **4.3 Violência Psicológica na Graduação**

Diante do exposto no contexto da graduação, a violência psicológica assume características específicas que estão frequentemente associadas às expectativas de desempenho, à pressão por resultados e à competitividade exacerbada. Como aponta Bourdieu (1989), a violência simbólica é aquela que é exercida sobre um agente social com a sua cumplicidade tácita, sendo fruto de um reconhecimento não consciente das normas e valores da cultura dominante. No ambiente universitário, isso se traduz na aceitação, muitas vezes inconsciente, de práticas abusivas e autoritárias por parte de professores que detêm o poder institucional.

Estudos recentes têm demonstrado que a violência psicológica na graduação não é apenas um fenômeno isolado, mas uma prática disseminada em muitas instituições de ensino superior. Como destaca Charlot (2002), a violência simbólica na escola é um reflexo das

hierarquias sociais mais amplas e das relações de poder que estruturam a sociedade. A naturalização dessas práticas no ambiente educacional contribui para perpetuar desigualdades e marginalizações, afetando não apenas o desempenho acadêmico, mas também o bem-estar emocional e psicológico dos estudantes (Charlot, 2002).

Já Nunes (2022) observa que o ambiente acadêmico é especialmente propenso à violência psicológica devido às disputas pelo poder. Segundo ele, aqueles que detêm o poder, seja formal ou informal, impõem normas de comportamento que acabam por perpetuar um ambiente de exclusão e opressão. Essa dinâmica é reforçada pela cultura institucional que muitas vezes naturaliza e aceita a competitividade excessiva, a cobrança constante por resultados e as práticas de humilhação e desvalorização como parte do processo educativo.

Adicionalmente, a violência psicológica no contexto acadêmico pode ser compreendida como um reflexo de práticas culturais mais amplas de dominação e controle social. De acordo com Foucault (1979), o ambiente escolar é visto como uma extensão das instituições de controle social, onde o poder é exercido não apenas por meio de normas explícitas, mas também por mecanismos sutis que regulam o comportamento e a conformidade dos indivíduos. Portanto, a violência psicológica pode ser entendida como uma estratégia de manutenção do status, onde o conhecimento e a educação são usados como ferramentas para perpetuar desigualdades e consolidar relações de poder assimétricas.

Essas dinâmicas apontam para a necessidade de revisão das práticas pedagógicas e das políticas institucionais que governam o ambiente acadêmico. É fundamental promover uma cultura de respeito, diálogo e inclusão, onde o poder seja exercido de forma ética e construtiva, visando o desenvolvimento integral de todos os envolvidos no processo educacional. Como sugere Freire (1996), a verdadeira educação deve ser um processo de libertação, onde todos têm o direito de aprender e crescer em um ambiente de respeito e dignidade.

## **5. METODOLOGIA**

### **5.1 Delineamento**

Este estudo caracteriza-se por ser transversal, com uma abordagem mista quali-quantitativa. Para a coleta de dados, foi utilizado um questionário aplicado de forma

online do dia 01 à 15 de agosto de 2024 totalizando 2 semanas. Por meio da plataforma Google Forms, com amostra de 49 estudantes que se voluntariaram para responder a pesquisa.

A pesquisa parte da premissa de que, embora o ambiente acadêmico seja um espaço de formação, ele não está isento de práticas de violência, como o assédio moral pedagógico. Essas práticas, segundo Freitas (2021), podem manifestar-se por meio de constrangimentos e discriminações. Nesse sentido, o estudo, de natureza descritiva, busca observar, registrar e analisar esses fenômenos sem interferência direta do pesquisador, com o objetivo de compreender como tais práticas impactam a vida dos estudantes.

Além disso, a pesquisa incorpora uma abordagem mista, que para Creswell e Clark (2018) e Creswell e Creswell (2018) a pesquisa de métodos mistos combina elementos das abordagens qualitativas e quantitativas para oferecer uma visão mais abrangente dos fenômenos. Eles descrevem três designs principais para abordagens de métodos mistos: convergente paralelo, explicativo sequencial e explanatório sequencial, além de designs mais complexos. No design convergente, adotado na presente pesquisa, os dados qualitativos e quantitativos são coletados simultaneamente, utilizando, quando possível, constructos, conceitos ou variáveis semelhantes. A análise dos dados é feita de forma separada, mas os resultados são posteriormente reunidos, comparados e combinados (Creswell; Clark, 2018; Creswell J.; Creswell D., 2018).

## **5.2 Processo de Coleta de Dados**

A amostragem utilizada foi aleatória intencional e por acessibilidade, baseada no critério de voluntariado e disponibilidade, onde todos os elementos da população estudada tiveram a mesma probabilidade de ser incluídos na amostra. Isso possibilitou a obtenção de dados de forma rápida e econômica (Favero, 2017). Não foi definida uma amostra para a pesquisa, uma vez que a pesquisadora entrou em contato com todos os alunos do Curso de Administração para a divulgação da pesquisa. A população do estudo foi composta por discentes, formados ou não, do curso de Administração de uma determinada Instituição de Ensino Superior (IES) localizada em Minas Gerais, que concordaram em participar de forma anônima. A divulgação da pesquisa ocorreu por meio de grupos de WhatsApp, para o grupo geral do curso de Administração com total de 330 alunos, onde 49 alunos, graduados ou não responderam a presente pesquisa.

A coleta de dados foi realizada através da aplicação de questionário fechado e aberto, sendo as questões fechadas extraídas da Escala de Violência Psicológica Contra

Estudantes Universitários (EVIPSI), desenvolvida com o objetivo de medir os comportamentos violentos exibidos por professores contra estudantes universitários. O processo de construção da escala seguiu o modelo metodológico de Pasquali (2010), que inclui três etapas principais: teórica, empírica e analítica. Neste estudo, foram realizados os procedimentos teóricos, que consistiram em uma revisão de literatura sobre o construto de violência psicológica e a elaboração de itens com base na definição teórica e operacional do fenômeno (Santana; Pires; Leite, 2020).

Segundo Pasquali (2010), as medidas escalares, como a escala de Likert, são amplamente utilizadas na psicologia social para avaliar atitudes e traços de personalidade. A escala de Likert, uma das mais usadas, tem como objetivo verificar o nível de concordância ou discordância de um sujeito em relação a uma série de afirmações que expressam algo favorável ou desfavorável sobre um objeto psicológico, utilizando uma escala com três ou mais pontos.

A escala foi organizada em 28 itens, distribuídos em duas dimensões: ações hostis dos professores contra os estudantes e estresse dos estudantes em relação aos professores. Cada item é respondido em uma escala Likert de cinco pontos, avaliando a frequência de ocorrência das situações descritas. A validação do conteúdo foi realizada por juízes e por uma análise semântica com pessoas de diferentes níveis educacionais para garantir a clareza e relevância dos itens. E tem como objetivo fornecer um instrumento eficaz para a identificação e mensuração da violência psicológica no contexto universitário, visando auxiliar na criação de medidas de intervenção e prevenção, promovendo um ambiente acadêmico mais saudável (Santana; Pires; Leite, 2020).

Portanto, a estrutura do instrumentos foi composta de: termo de consentimento livre, o questionário com 31 perguntas fechadas, sendo 27 adaptadas da EVIPSI e estruturadas em escala Likert de quatro pontos (0 = Nunca; 1 = Uma vez; 2 = Poucas vezes; 3 = Várias vezes; 4 = Ocorre com muita frequência), além de uma pergunta aberta. A primeira seção do questionário tratou do perfil socioeconômico dos respondentes; a segunda seção (Bloco A) focou nas ações do(a) professor(a) em relação ao(à) estudante; e a terceira seção (Bloco B) abordou o estresse vivenciado pelos alunos em relação ao(à) professor(a). Ao final, foi fornecido um espaço para os alunos relatarem episódios de violência, próprios ou testemunhados, durante a graduação.

Os dados coletados incluíram variáveis demográficas, como gênero, idade, raça e período do curso. Além disso, foram obtidos dados relacionados às experiências dos alunos

com a violência psicológica, focando nas ações dos professores e no estresse gerado por essas interações. Os dados numéricos foram apresentados por meio de estatísticas descritivas e os relatos foram avaliados qualitativamente e analisadas textualmente.

### **5.3 Processo de Análise de Dados**

Nesta pesquisa, utilizou-se essa forma de análise de dados, combinando frequência, média aritmética simples e desvio padrão para descrever e compreender a distribuição e variabilidade dos dados coletados. A análise descritiva resume os dados coletados em um momento específico, utilizando medidas como frequência, média, desvio padrão e percentuais. A frequência descreve o número de ocorrências em cada categoria, podendo ser apresentada tanto pelo número de registros quanto pelo percentual que esse número representa no conjunto de dados. A média aritmética simples refere-se à soma de todos os valores dividida pela quantidade total de dados, representando o valor central do conjunto. O desvio padrão (DP), mede a dispersão dos dados em relação à média, indicando o grau de variabilidade. Quanto maior o DP, mais heterogêneos e distantes da média estão os valores (Mattar; Ramos, 2021).

A análise dos dados foi conduzida de forma anônima, sem qualquer identificação nominal dos participantes, em conformidade com os preceitos estabelecidos pela Lei Geral de Proteção de Dados (LGPD, 2018). Além disso, todos os respondentes concordaram em fornecer as informações para o estudo sem se identificarem, o que permitiu seguir com as informações que forneceram. Apenas a pesquisadora envolvida no estudo teve acesso ao banco de dados, que foi devidamente armazenado no computador pessoal da mesma, garantindo a segurança e confidencialidade das informações coletadas.

## **6. ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS**

### **6.1 Análise quantitativa**

Participaram do estudo 49 estudantes universitários de Administração de uma determinada IES em Minas Gerais, além das questões da Escala e da questão aberta onde os alunos relataram as situações vivenciadas por eles no ambiente universitário, foram coletados os seguintes dados apresentados na Tabela 1:

**Tabela 1:** Perfil dos entrevistados

Variável	Categoria	Frequência	Porcentagem
Gênero	Feminino	32	65,3%
	Masculino	17	34,7%
Faixa etária	18-20	10	20,4%
	21-30	33	67,3%
	31-40	6	12,2%
Período	1º e 2º	4	8,2%
	3º e 4º	8	16,3%
	5º e 6º	6	12,2%
	7º e 8º	28	51,7%
	Graduado	3	6,1%
Raça	Branco	23	46,9%
	Preto	15	30,6%
	Pardo	11	22,4%

Fonte: Elaborada pela autora (2024).

A caracterização dos participantes permite uma melhor compreensão do perfil dos respondentes, que são o foco desta pesquisa. Diante disso pode-se observar que dos alunos entrevistados a maioria (65,3%) é sexo feminino, com idades entre 18 a 40 anos, sendo a maioria com idade entre 21 e 30 anos (67,3%). Desses com maioria que se declara branca (46,9%) e cursando entre o 7º e 8º período (51,7%). A partir dessa breve descrição, serão apresentadas as análises e interpretações dos dados coletados por meio do questionário online.

A análise dos dados quantitativos da pesquisa foi realizada utilizando o software Excel, onde foram calculadas as médias aritméticas simples e os desvios padrão das respostas obtidas na escala Likert. Esses cálculos permitiram avaliar de forma precisa a distribuição das respostas dos participantes, identificando tendências e variações nas percepções dos discentes sobre os itens avaliados. Além disso, as questões que não forneciam informações adequadas dentro do formato da escala ou seja onde os respondentes acima de 70% informaram que nunca vivenciaram a situação citada com baixo desvio padrão, o que caracteriza pouca variação entre as respostas, foram excluídas da análise. Pois indicavam que as situações não

são vivenciadas pela maioria dos respondentes no que se refere a caracterização de atitude que configura violência de acordo com o construto criado pelas autoras Santana, Pires e Leite (2020), garantindo assim que os resultados fossem baseados apenas em dados relevantes e consistentes.

A análise dos dados da primeira dimensão do questionário permite compreender a frequência com que os alunos percebem comportamentos abusivos e situações de intimidação no ambiente acadêmico. A seguir, apresentamos a Tabela 2, que detalha as médias e desvios padrões das respostas, destacando as situações mais recorrentes:

**Tabela 2 :** Primeira dimensão (Ações hostis vindas do(s) professor(a/s) para com o estudante), segundo a Escala de Violência Psicológica contra Estudantes Universitários (EVIPSI), desenvolvida por Santana, Pires e Leite (2020).

Situação	(0)	(1)	(2)	(3)	(4)
P4: Um professor(a) utilizou de sua autoridade para impor clima de ameaça com a turma.	24,5%	8,2%	18,4%	26,5%	22,4%
P7: Notei uma cobrança muito grande de um professor(a) em relação a mim ou a um colega de classe.	51%	8,2%	14,3%	10,2%	16,3%
P8: Um professor(a) já cobrou a leitura de textos ou a entrega de atividades com prazo insuficiente.	24,5%	8,2%	22,4%	20,4%	24,5%

**Legenda:** Ações hostis vindas do(s) professor(a/s) para com o estudante: (0)Nunca; (1)Uma vez; (2) Poucas vezes; (3) Várias vezes; (4) Ocorre com muita frequência.

O uso de autoridade para intimidar é o comportamento abusivo mais frequente, com uma média elevada de 3,41, sugerindo que muitos alunos experimentam essa prática de forma consistente. O baixo desvio padrão de 0,71 reforça essa consistência, indicando que a percepção de intimidação é amplamente compartilhada entre os alunos, com pouca variação nas respostas. Em contraste, a questão sobre cobrança exagerada apresenta uma média moderada de 2,12, mas com um desvio padrão alto, de 1,76, o que revela uma grande variação nas experiências dos estudantes. Enquanto alguns alunos sentem essa cobrança de maneira intensa, outros não relatam esse comportamento com a mesma frequência, mostrando que essa prática pode ser mais esporádica ou aplicada de maneira desigual entre diferentes grupos de alunos.

A questão sobre prazos insuficientes para a realização de tarefas tem uma média mais baixa, de 1,71, sugerindo que essa prática, embora presente, é menos generalizada. O desvio padrão de 1,36, embora moderado, ainda aponta para uma variação considerável, indicando

que, assim como na cobrança exagerada, alguns alunos enfrentam mais dificuldades com prazos curtos do que outros. Em conjunto, os dados revelam que os comportamentos abusivos mais frequentemente percebidos estão relacionados à intimidação por parte dos professores, enquanto questões como cobrança exagerada e prazos curtos afetam os alunos de maneira mais desigual, dependendo de suas experiências individuais.

Com base na análise da primeira dimensão dos dados, a avaliação da segunda dimensão Tabela 3, que aborda o estresse estudantil em relação aos professores, revela um cenário preocupante. A interação com determinados professores exerce um impacto significativo sobre os alunos, especialmente no que diz respeito ao estresse físico e emocional.

**Tabela 3 :** Segunda dimensão (Estresse estudantil em relação ao(s) professor(a/s)), segundo Escala de Violência Psicológica contra Estudantes Universitários (EVIPSI), desenvolvida por Santana, Pires e Leite (2020).

Situação	(0)	(1)	(2)	(3)	(4)
19. Senti aflição e/ou angústia quando estive diante de um professor(a).	22,4%	22,4%	18,4%	18,4%	18,4%
20. Meu corpo reagiu à presença de um professor(a) com suor, agitação, fraqueza, palpitação e/ou tremores.	42,9%	26,5%	10,2%	8,2%	12,2%
21. Não consegui dormir bem nas vésperas de avaliações e recebimento de notas de algum professor(a).	24,5%	6,3%	16,3%	22,4%	30,6%
22. Senti que não atingi as expectativas de um professor(a) nas atividades acadêmicas.	18,4%	10,2%	26,5%	24,5%	20,4%
23. Apresentei mal-estar físico após começar a ter contato com um professor(a).	61,2%	16,3%	10,2%	6,1%	6,1%
24. Apresentei mal-estar mental após começar a ter contato com um professor(a).	42,9%	16,3%	24,5%	6,1%	10,2%
25. Me senti aflito(a) ao pensar em ir para a aula de algum professor(a).	32,7%	16,3%	20,4%	18,4%	12,2%
26. Perdi ou aumentei o apetite em vésperas de avaliações e recebimento de notas de um professor(a).	32,7%	4,1%	22,4%	16,3%	24,5%
27. Senti meu coração acelerar de aflição quando um professor(a) falava comigo.	38,8%	14,3%	22,4%	14,3%	10,2%

**Legenda:** Estresse em relação ao professor(a): (0)Nunca; (1)Uma vez; (2) Poucas vezes; (3) Várias vezes; (4) Ocorre com muita frequência.

O sentimento de aflição ou angústia diante do professor registrou uma média de 2,94 com desvio padrão de 1,09, o que demonstra que esse tipo de sentimento é comum entre os alunos, mas não universal. A variação moderada nas respostas indica que, embora muitos relatem essa experiência, outros não a compartilham na mesma intensidade. A relação de aflição com sintomas físicos também é evidente na pergunta sobre a reação física (suor, agitação, tremores) diante do professor, cuja média foi de 3,12, com desvio padrão de 1,11. Esses dados revelam que muitos alunos manifestam sintomas físicos de estresse ao interagir com o(s) professor(a/s).

A dificuldade para dormir antes de avaliações foi um dos comportamentos mais comuns relatados, com uma média de 3,59 e um desvio padrão de apenas 0,61, o que aponta para a homogeneidade nas respostas. A baixa variação sugere que em sua maioria os alunos enfrentam esse problema, demonstrando que a ansiedade associada às avaliações é uma experiência frequente e generalizada. De forma semelhante, o sentimento de não atender às expectativas do professor apresentou uma média de 2,94 e desvio padrão de 0,75, o que mostra que muitos alunos se sentem aquém do esperado pelos docentes.

O mal-estar físico após o contato com o professor também foi um dado relevante, com uma média de 3,06 e desvio padrão de 0,97. Essa média elevada indica que muitos alunos experimentam desconforto físico após interagir com a/o(s) professor(a/s), sugerindo que as interações são percebidas como tensas ou desgastantes. De forma complementar, o mal-estar mental após o contato com o(s) professor(a/s) apresentou uma média de 3,29 e um desvio padrão de 0,59, evidenciando que o mal-estar psicológico é uma experiência comum e consistente entre os alunos.

A aflição ao pensar em ir para a aula foi outro aspecto bastante relatado, com uma média de 3,53 e desvio padrão de 0,51. Esse resultado reflete um nível elevado de estresse e apreensão relacionado à simples ideia de participar de determinadas aulas, sugerindo que a presença de certos professores é uma fonte significativa de desconforto. De forma similar, a aflição ao pensar em ir para a aula de algum professor apresentou uma média de 3,29 e desvio padrão de 0,69, confirmando que esse sentimento é uma experiência frequente entre os alunos, embora com alguma variação nas respostas.

Outro dado importante foi o relato sobre alterações de apetite nas vésperas de avaliações, com uma média de 3,41 e desvio padrão de 0,71, o que reforça que muitos alunos experimentam sintomas de estresse físico antes de provas, afetando diretamente seus hábitos alimentares. Por fim, a pergunta sobre o coração acelerado ao falar com o professor

apresentou a média mais alta de todas as questões 3,65, com um desvio padrão de 0,49, indicando que quase todos os alunos relataram esse forte sintoma físico de estresse ao interagir com determinados professores, com pouquíssima variação entre as respostas.

## 6.2 Análise qualitativa

Na última etapa do questionário foi fornecido aos alunos um espaço para relatarem episódios que para eles se caracterizariam violência psicológica, próprios ou testemunhados, durante a graduação. Ao total foram 8 relatos coletados onde mostram experiências de natureza semelhante. A partir dos relatos, é possível identificar um padrão de comportamento que gera grande desconforto no ambiente de estudo.

Um dos temas centrais que emergem dos relatos é o tratamento hostil por parte dos professores. Um dos alunos relata que:

“Durante uma aula, percebi que um professor parecia tentar me confundir, eu usava suas palavras pra compreender, mas ele dizia que não disse o que eu perguntei, e disse que eu estava distorcendo o que ele falava em sala... Este mesmo professor começou a me dirigir um tratamento grosseiro que inclusive outros alunos vieram questionar o que havia acontecido. Foi o episódio que mais me marcou e me fez repensar se eu gostaria de seguir na área inicialmente planejada.. resultado? Não quis seguir, apesar de me manter no curso” (Relato 1)

Tal comportamento relatado sugere um ambiente hostil, onde o professor usa sua posição de poder o que pode desestabilizar emocionalmente o aluno, prejudicando seu desenvolvimento acadêmico e suas escolhas profissionais. Para Freitas (2021) quando o ambiente educacional não proporciona respeito e consideração, o estudante pode enfrentar uma educação autoritária e desprovida de afetividade, afetando seus sentimentos e emoções. Tal cenário compromete sua formação ética e moral, gerando prejuízos significativos para o indivíduo.

Outro exemplo de hostilidade está no seguinte relato:

"Uma vez após ir muito bem na prova do professor X, ele me perguntou nos corredores se eu tinha "aprendido" a estudar para a prova dele, respondi a ele que de fato eu tinha estudado muito para a prova sim, e que tinha achado ela

fácil. Em seguida disse que corrigia a prova dos alunos sem ler o nome deles, para que dessa forma pudesse ser o mais imparcial possível, mas que daí em diante iria corrigir a minha prova vendo o meu nome então." (Relato 3)

Aqui, o professor utiliza uma prática de desconfiança, sugerindo que o aluno pode ser tratado de maneira desigual, o que mina a confiança do estudante no processo avaliativo e no próprio sistema acadêmico. Esse tipo de atitude prejudica a relação de confiança entre professores e alunos.

Diante do exposto, conforme descrito por Bourdieu (1989), a violência simbólica em sala de aula, se manifesta quando o professor impõe padrões de comportamento e formas de conhecimento que refletem os valores da classe dominante, o que pode gerar violência psicológica ao desvalorizar o capital cultural do aluno, levando-o a sentimentos de inadequação e exclusão.

Além disso, a falta compreensão e julgamento dos professores é uma questão recorrente nos relatos dos alunos, manifestando-se de várias formas:

“O professor(a) estipulou um certo tipo de vestimenta na apresentação do trabalho, não consegui ir por questões do trabalho e peguei chuva no caminho, fui apontada e julgada por não estar de acordo.” (Relato 6)

“Existem professores(as) que fazem comentários muito desnecessários, principalmente em relação a roupa ao qual o aluno está vestido, e nem falo de roupa vulgar, mas roupa simples por o aluno não ter condições financeiras de comprar.” (Relato 7)

A imposição de normas rígidas sem considerar as circunstâncias individuais demonstra uma falta de sensibilidade e flexibilidade por parte do professor, ignorando os desafios que os alunos enfrentam fora do ambiente acadêmico. Para Freire (1996) o ambiente educacional deve ser um espaço democrático e participativo, onde se respeitem as diferenças e onde os alunos sejam estimulados a questionar e a compreender criticamente o mundo ao seu redor. Esse espaço deve ser seguro e inclusivo, promovendo o respeito e a dignidade de todos os participantes do processo educativo. Diante disso os relatos trazem a ideia de que os alunos se sintam inadequados em um espaço que deveria ser acolhedor e favorável ao aprendizado.

A questão do medo e insegurança também aparece fortemente: “[...] chorei compulsivamente em sala e na porta da faculdade. Foi desesperador. Gosto nem de lembrar ... Tenho medo de repressão pois não formei ainda.” (Relato 2). O medo de retaliação, ainda mais considerando que o aluno ainda não havia se formado, reflete um ambiente no qual a figura do professor é vista como ameaçadora.

No ambiente acadêmico, a hierarquia é muitas vezes marcada por uma estrutura em que professores, orientadores e pesquisadores com mais experiência possuem autoridade sobre alunos e pesquisadores em início de carreira. Essa diferença de poder pode dificultar a percepção e a denúncia de situações de violência, já que as vítimas, em muitos casos, temem retaliações ou prejuízos futuros em suas trajetórias profissionais (Rodrigues; Freitas, 2014; Schwartzman, 2007).

A análise dos relatos revela algumas situações que envolvem ameaças de reprovação, imposição de respostas padronizadas e falta de escuta:

“Professor ameaçando os alunos no primeiro dia de aula sobre uma possível reprovação! Reafirmando o tempo todo sobre o índice de reprovação e que se pegarem prova final não adianta tentar que não vai passar. [...] dificultando o nível da atividade/avaliação para prejudicar os alunos. Professores que utilizam o achismo para avaliar as atividades, se a resposta não for idêntica e decorada não é o suficiente. Se tiver questionamento o professor não escuta.” (Relato 5)

“O professor no primeiro dia de aula define a probabilidade de reprovação da turma; O professor antes da avaliação julga a turma como "geração perdida e que não sairá bem na prova.” (Relato 6)

Esse tipo de discurso gera um ambiente de medo e pressão, onde os alunos passam a acreditar que seu sucesso acadêmico está condicionado a fatores arbitrários, em vez de ser resultado de seu esforço ou capacidade.

A relação entre professor e aluno no ambiente acadêmico, conforme analisada por Bourdieu (1989) com o conceito de violência simbólica e Foucault (1979) com o poder disciplinar, demonstra como a autoridade docente pode resultar em violência psicológica, mesmo que de forma não intencional ou explícita. Ambos destacam a imposição de normas e expectativas que os alunos devem cumprir. Quando essas normas se mostram inatingíveis

devido a barreiras culturais, sociais ou econômicas, os alunos podem experimentar frustração, ansiedade e baixa autoestima, configurando uma forma de violência psicológica.

### **6.3 Discussão**

A análise dos dados qualitativos e quantitativos revela um panorama sobre o ambiente educacional de estudo e seus impactos emocionais e físicos nos alunos. Embora a primeira parte da escala, que descreve as ações dos professores em relação aos estudantes, indique que a maioria dos alunos não vivencia frequentemente comportamentos abusivos, é importante destacar que algumas situações específicas apresentam maior incidência e intensidade. Essas experiências são percebidas por uma parcela significativa dos estudantes, sugerindo que, embora não sejam vividas de maneira constante pela maioria, elas ocorrem.

Essa percepção pode ser compreendida à luz das ideias de Foucault (1979), que aponta que o poder se exerce de forma sutil e invisível, especialmente em instituições como as escolas, que moldam o comportamento dos indivíduos por meio da vigilância constante e da normalização das condutas. Esse poder disciplinar leva os sujeitos a internalizar as normas e a se auto controlarem, tornando-se corpos "dóceis" e submissos às estruturas sociais, sem a necessidade de coerção direta. Nesse contexto, as práticas abusivas podem ocorrer de maneira silenciosa, mas profundamente influente.

Os dados quantitativos reforçam essa análise, indicando que o uso da autoridade para intimidar é o comportamento abusivo mais relatado, apresentando uma média de 3,41 e um baixo desvio padrão de 0,71. Isso sugere que essa prática é percebida de forma consistente entre os alunos. Por outro lado, comportamentos como cobrança exagerada e prazos insuficientes exibem maior variação nas respostas, com médias de 2,12 e 1,71 e desvios padrões mais altos, o que sugere que essas ações não são uniformes e afetam de maneira desigual diferentes grupos de estudantes. Assim, enquanto alguns comportamentos são percebidos de forma constante, outros variam em intensidade e frequência.

Segundo Cruz e Pereira (2013), o ambiente universitário, influenciado pela autoridade docente, pode ser visto como violento, pois a relação marcada por uma assimetria de poder entre as partes, especialmente quando uma delas ocupa uma posição hierárquica superior, gera uma relação intrinsecamente violenta. No entanto, esse "poder de violência" pode se manifestar de maneira explícita ou sutil e nem sempre é percebido pelos indivíduos que estão sujeitos a ele. A percepção dessa violência depende, em grande medida, dos diversos interesses que permeiam e moldam o espaço pedagógico.

Nesse sentido, a percepção geral dos estudantes sugere que, embora comportamentos abusivos existam, eles não são amplamente predominantes no ambiente estudado. No entanto, algumas situações específicas destacam-se pela sua maior intensidade e frequência, evidenciando que, mesmo sem uma generalização, tais comportamentos são percebidos por um número significativo de alunos na amostra estudada, o que merece atenção.

Esses achados são reforçados pela segunda dimensão do estudo, que avalia o estresse estudantil. Os resultados demonstram que o ambiente acadêmico é uma fonte significativa de ansiedade e desconforto para os estudantes. Por exemplo, a dificuldade para dormir antes das avaliações, com uma média de 3,59 e desvio padrão de 0,61, indica níveis elevados de ansiedade entre muitos alunos. Sentimentos como aflição ao pensar em ir para a aula média de 3,53 e o sintoma de coração acelerado ao falar com o professor média de 3,65 refletem a gravidade do impacto emocional, destacando o impacto negativo que determinadas interações com professores têm no bem-estar dos alunos.

Freitas (2021) contribui para essa discussão ao definir o assédio moral pedagógico como uma forma de violência no contexto educacional, caracterizada por comportamentos abusivos no processo de ensino-aprendizagem. Os efeitos desse tipo de violência são profundos, acarretando prejuízos à integridade física e psicológica, além de comprometer a dignidade e a personalidade da vítima.

A partir de tais considerações, os resultados do estudo apontam que o estresse tanto físico quanto emocional, é uma experiência comum entre os alunos ao interagirem com certos professores. As médias consistentemente altas, especialmente nas questões sobre dificuldade para dormir e aflição ao pensar em ir para a aula, indicam que o ambiente acadêmico pode gerar grande ansiedade e desconforto para muitos estudantes. A sensação de coração acelerado ao falar com o professor e a aflição generalizada associada a essas interações, reforçam o impacto negativo dessas experiências no bem-estar dos estudantes.

No entanto, é importante destacar que, ao abordar tais comportamentos de forma isolada, fora do contexto mais amplo, não corroboram adequadamente para o constructo de violência psicológica. A EVIPSI, criada para avaliar ações hostis e o estresse nas relações entre professores e alunos, perde eficácia se os itens forem considerados separadamente, enfraquecendo sua capacidade de mensurar adequadamente a violência psicológica. A análise integrada é crucial para a compreensão do impacto real que esses comportamentos abusivos exercem sobre os estudantes.

A análise qualitativa com os relatos dos estudantes destacou situações em que o ambiente acadêmico foi percebido como desconfortável e desafiador. Entre os principais pontos levantados, surgem questões relacionadas ao tratamento considerado hostil, como a desconfiança no mérito dos alunos e a imposição de normas comportamentais sem levar em conta as circunstâncias individuais. Essas experiências geram insegurança e afetam a confiança dos estudantes, criando um ambiente de pressão que pode prejudicar tanto o desempenho acadêmico quanto o bem-estar emocional.

Além disso, alguns alunos mencionaram situações de julgamentos quanto à aparência e normas rígidas que não consideravam as dificuldades pessoais, o que contribuiu para um sentimento de inadequação. O medo de retaliação também foi um tema recorrente, especialmente em relação a avaliações e possíveis reprovações, o que gerou ansiedade entre os estudantes. Os relatos sugerem que, em alguns momentos, os alunos se sentem desencorajados e questionam suas escolhas profissionais devido a essas interações, porém não contribuem para a caracterização efetiva da violência psicológica no contexto de estudo.

Em resumo, a análise revela que, embora os comportamentos abusivos não sejam predominantes para todos os alunos, aqueles que os vivenciam sofrem consequências profundas. O abuso de poder, falta de apoio emocional, e outras ações realizadas por parte dos professores não só afetam a saúde mental dos estudantes, como também prejudicam o aprendizado e o desenvolvimento acadêmico. Esses resultados apontam um cenário que merece atenção para promover mudanças nas práticas pedagógicas e na relação professor-aluno, a fim da busca por um ambiente educacional mais saudável e acolhedor, que favoreça o crescimento integral dos estudantes.

Por fim, é importante destacar que o presente estudo não visa caracterizar a violência psicológica, pois o instrumento de pesquisa utilizado permite apenas uma primeira aproximação do fenômeno e a busca pela validação de uma escala destinada a mensurar indícios dessa violência no contexto da graduação. Embora o contexto revele algumas situações desafiadoras nas relações de interação entre professor e aluno, os dados coletados não indicam casos graves de violência psicológica contra os alunos, como é possível observar através da primeira dimensão da escala, onde os estudantes não observam no ambiente de estudo os comportamentos graves.

## 7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo, ao investigar a violência psicológica no ambiente acadêmico, trouxe à luz um fenômeno que, embora muitas vezes subestimado, possui profundas repercussões no bem-estar físico, emocional e acadêmico dos estudantes. A análise dos dados evidenciou que a relação entre professores e alunos pode ser atravessada por práticas hostis e comportamentos autoritários. Esses comportamentos não apenas afetam a saúde mental dos discentes, mas também comprometem seu desenvolvimento acadêmico, sendo catalisadores de estresse, ansiedade e insegurança. Episódios de intimidação, imposição de prazos insuficientes e cobranças desproporcionais refletem a existência de um ambiente de tensão, onde a hierarquia docente se manifesta de forma opressiva, levando alguns estudantes a internalizar sentimentos de inadequação e até mesmo a reconsiderar suas trajetórias profissionais.

Neste contexto, é importante que as instituições de ensino superior repensem suas práticas pedagógicas e as políticas institucionais que permeiam as relações entre docentes e discentes. A promoção de um ambiente inclusivo e acolhedor são medidas para prevenir a perpetuação de ações hostis no ambiente acadêmico. Mais do que isso, é fundamental que as universidades se comprometam com a formação integral de seus estudantes, não apenas no âmbito técnico-científico, mas também no desenvolvimento de cidadãos conscientes, críticos e éticos.

Durante o desenvolvimento deste estudo, uma das principais dificuldades encontradas foi a limitação do instrumento de coleta de dados utilizado. Ao ser aplicado, observou-se que seu foco principalmente está nas formas mais graves de violência psicológica, o que compromete sua eficácia na mensuração de manifestações mais sutis e menos evidentes da violência. Além disso, houve um receio por parte dos alunos em responder abertamente à pesquisa, devido ao temor de possíveis represálias, o que reduziu o número de relatos espontâneos. Outro obstáculo significativo foi a escassez de literatura recente sobre a violência psicológica no contexto acadêmico, particularmente no que diz respeito às relações hierárquicas entre professores e alunos, o que dificultou a construção de um referencial teórico mais abrangente e sólido.

Além disso, o estudo focou exclusivamente na percepção dos alunos de determinado curso em uma determinada instituição, o que pode representar uma limitação, tendo em vista que outros atores envolvidos na temática não foram incluídos na análise. Para futuros estudos, seria interessante expandir o escopo da pesquisa, envolvendo diferentes tipos de instituições,

regiões e contextos acadêmicos. Estudos que analisem o impacto da violência psicológica na trajetória acadêmica dos discentes também seriam pertinentes, assim como pesquisas que incorporem a perspectiva de docentes e gestores, com o objetivo de criar estratégias eficazes de combate a essas práticas no ambiente universitário.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE, Maria Margarida de. **Introdução à metodologia do trabalho científico: elaboração de trabalhos na graduação**, 10ª edição. Rio de Janeiro: Grupo GEN, 2012.
- ARENDDT, Hannah. **Sobre a violência**. Rio de Janeiro: Relume – Dumará, 1994.
- ARIÑO, Daniela Ornellas; BARDAGI, Marúcia Patta. Relação entre fatores acadêmicos e a saúde mental de estudantes universitários. **Revista psicologia em pesquisa**, v. 12, n. 3, 2018.
- BAPTISTA, Makilim Nunes; CAMPOS, Dinael Corrêa de. **Metodologias de Pesquisa em Ciências - Análise Quantitativa e Qualitativa**, 2ª edição. Rio de Janeiro: Grupo GEN, 2016.
- BAGARDI, Marúcia Patta. **Evasão e comportamento vocacional de universitários: estudo sobre desenvolvimento de carreira na graduação**, Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2007.
- BOURDIEU, Pierre. **Poder simbólico**. 2a Ed. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil LTDA, 1989, v. único.
- BOURDIEU, Pierre. Espaço social e poder simbólico. In: **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, p. 149-168, 2004.
- BRASIL. Resolução no 510, 07 de abril de 2016. Dispõe sobre as diretrizes e as normas regulamentadoras de pesquisa envolvendo seres humanos. **Conselho Nacional de Saúde**. Brasília. 2016.
- BRASIL. Lei n. 13.709, de 14 de agosto de 2018. **Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais (LGPD)**. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, p. 1, 15 ago. 2018.
- CHARLOT, Bernard. A violência na escola: como os sociólogos franceses abordam essa questão. **Sociologias**, **Porto Alegre** v.4, n.8, p. 432-443, 2002.
- CRESWELL, John W.; CLARK, Vicki L. Plano. **Designing and conducting mixed methods research**. 3. ed. Thousand Oaks, CA: Sage, 2018.
- CRESWELL, John W.; CRESWELL, David. **Research design: qualitative, quantitative, and mixed methods approaches**. 5. ed. Thousand Oaks, CA: Sage, 2018.
- CRUZ, Gênesis Vivianne; PEREIRA, Wilza Rocha. Diferentes configurações da violência nas relações pedagógicas entre docentes e discentes do ensino superior. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 66, p. 241-250, 2013.
- FACHIN, Odília. **Fundamentos de metodologia**. Rio de Janeiro: Grupo GEN, 2017.
- FAVERO, Luiz Paulo. **Manual de Análise de Dados - Estatística e Modelagem Multivariada com Excel, SPSS e Stata**. Rio de Janeiro: Grupo GEN, 2017.
- FREIRE, Paulo. **Conscientização**. São Paulo: Cortez e Moraes, 1979.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREITAS, Acimarney Correia Silva. **Assédio moral pedagógico: um estudo de caso com estudantes da área da engenharia de uma IES pública da Bahia**. 2021.

FREITAS, Acimarney Correia Silva; DEL PINO, José Claudio. **Assédio moral pedagógico como expressão do autoritarismo em sala de aula: percepções de estudantes de engenharia**. Educação, p. e66/1-23, 2023.

FREITAS, Maria Ester de; RODRIGUES, Míriam. **Assédio moral nas instituições de ensino superior: um estudo sobre as condições organizacionais que favorecem sua ocorrência**. Cad. Ebape.BR, Rio de Janeiro, v. 12, n. 2, artigo 6, p.284–301, abr./jun. 2014.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Organização, introdução e revisão técnica de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: história da violência nas prisões**. 20. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Editora Atlas Ltda, 2018.

HIRIGOYEN, Marie France. **Assédio moral: a violência perversa no cotidiano**. 8.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 2006.

MATTAR, João; RAMOS, Daniela Karine. **Metodologia da pesquisa em educação: Abordagens Qualitativas, Quantitativas e Mistas**. São Paulo: Grupo Almedina, 2021.

MORESI, Eduardo. **Metodologia da pesquisa**. Brasília: Universidade Católica de Brasília, v. 108, n. 24, p. 5, 2003.

NEARCHOU, Finiki. Resilience following emotional abuse by teachers: Insights from a cross-sectional study with Greek students. **Child Abuse & Neglect**, v. 78, p. 96-106, 2018.

NUNES, Thiago Soares; TOLFO, Suzana da Rosa. O assédio moral no contexto universitário: uma discussão necessária. **Revista de Ciências da Administração**, p. 21-36, 2015.

NUNES, Thiago Soares. **Assédio Moral na Pós-Graduação: Práticas e Elementos Culturais Propiciadores**. Administração Pública e Gestão Social, Viçosa, v. 14, n. 1, 2022.

NUNES, Thiago Soares. **Assédio moral no trabalho: o contexto dos servidores da Universidade Federal de Santa Catarina**. 2011. 281 f. Dissertação (Mestrado em Administração) – Programa de Pós-Graduação em Administração, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011.

OSTI, Andreia; BARBOSA, Tatiana Aparecida. Violência psicológica no cotidiano escolar: o que pensam os alunos? **Psicologia da Educação**, n. 55, p. 70-79, 2022.

PASQUALI, L. (2010). **Instrumentação Psicológica: Fundamentos e Práticas**. In: Pasquali, L. (Org.), Instrumentação psicológica: fundamentos e práticas, 165-198. Porto Alegre: Artmed.

PIRES, Sergio Fernandes Senna. **A violência como expressão dos desejos e das decisões humanas no ambiente acadêmico**. In: NOVOS ESTUDOS EM CIÊNCIAS HUMANAS – VOLUME 1. 1. ed. São Paulo: Dialética, 2023. p. 185.

PORTO, Claudio; RÉGNIER, Karla. **O ensino superior no mundo e no Brasil: condicionantes, tendências e cenários para o horizonte 2003-2025**. Brasília, DF: Macroplan – Prospectiva & Estratégia, 2003.

REIS, Elisabete. Estatística multivariada aplicada. 2. ed. Lisboa: Edições Sílabo, 2001.

RODRIGUES, Míriam; FREITAS, Maria Ester de. Assédio moral nas instituições de ensino superior: um estudo sobre as condições organizacionais que favorecem sua ocorrência. **Cadernos Ebape**. br, v. 12, p. 284-301, 2014.

SANTANA, Aline Cavalcante; PIRES, Gabriela Costa; DO REGO LEITE, Umbelina. Construção da escala de violência psicológica contra estudantes universitários. **Research, Society and Development**, v. 9, n. 11, p. e049119216-e049119216, 2020.

SILVA, Hermínia Helena; DE CASTRO, Leonardo Villella. Formação docente e violência na escola. **Psicologia da Educação**, n. 26, 2008.

SCHWRTZMAN, Simon. Bases do autoritarismo brasileiro. Rio de Janeiro: Publit. Soluções Editoriais, 2007.